

Incubadora tecnológica de cooperativa x incubadora de empresas de base tecnológica: diferenças e semelhanças no processo de incubação

Technological incubator of cooperatives x incubator of technological basis companies: differences and similarities in the process of incubation

*Maria Carolina de Azevedo Ferreira de Souza¹, Alessandra Azevedo², Luiz José Rodrigues Oliveira³ e
Nguyen Tufino Baldeón⁴*

Resumo

As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares surgem no Brasil a partir de 1996, na Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, com o objetivo de transferir conhecimentos tecnológicos, seja de gestão, produto ou processo para a população excluída econômica e socialmente. Atualmente, existem 21 universidades no Brasil que possuem incubadoras tecnológicas de cooperativas populares. O trabalho de resgate da cidadania dos trabalhadores e a viabilização dos seus negócios geridos de forma autogestionária estão obtendo êxito e fortalecendo o movimento de economia solidária no Brasil. As semelhanças e diferenças encontradas nas incubadoras de bases tecnológicas, que também na sua maioria estão situadas em universidades, permitem um campo vasto para debates. Este trabalho visa comparar ferramentas de incubação de cooperativas populares e de empresas, identificando especificidades e possíveis intersecções, além do papel exercido por elas na universidade. Vamos apresentar o caso das incubadoras da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

Palavras-chave: Incubadoras. Cooperativas. Microempresas. Transferência tecnológica.

Abstract

The technological incubators of popular cooperatives appear in Brazil starting from 1996, in the Federal University of Rio de Janeiro/Brasil with the objective of transferring technological knowledge, be of administration, product or process for the population excluded economical and socially. Now 21 universities exist in Brazil that their possess technological incubators of popular cooperatives. The work of rescue of the workers' citizenship and the feasibility of their managed businesses in a self managed are obtaining success and strengthening the movement of solidary economy in Brazil. The similarities and differences found with the incubators of technological bases, that also in their majority are placed in universities, allow a vast field for and debates. This work seeks to compare tools of incubation of popular cooperatives and of business. Identifying specificities and possible intersections, besides the paper exercised by them in the university. We will present the case of the incubators of Unicamp (State University of Campinas).

Keywords: Incubators. Cooperatives. Personal computer companies. Technological transfer.

Introdução

Este artigo visa fazer um estudo comparativo entre as Incubadoras Tecnológicas de Empresas e as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, analisando os efeitos sociais e econômicos de suas ações. A análise será realizada a partir de um estudo do caso Unicamp, visto que a universidade possui os dois tipos de incubadora¹.

¹ carols@eco.unicamp.br - Universidade Estadual de Campinas

² azevedo@ige.unicamp.br - *Doutoranda do Departamento de Política Científica e Tecnológica DPCT/UNICAMP*

³ luiz@age.unicamp.br- Mestre em Política Científica e Tecnológica DPCT/ UNICAMP, Professor da Faculdade Integrada de Recife- FIR e Gerente de Negócios da Incubadora de Empresas Tecnológicas de Pernambuco- INCUBATEP

⁴ nguyentufino@yahoo.com.br – Especialista em Estratégia e Gestão de Empresas pelo Instituto de Economia/ UNICAMP

⁵ Herbet de Souza (Betinho), formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1962, Coordenou a campanha da “Ação pela Cidadania contra a Fome e a Miséria”, que pretendia ir mais além de um movimento social de caráter assistencialista, inicialmente, para aglutinar outros movimentos e iniciativas individuais e comunitárias em todo o País.

⁶ www.itcp.unicamp.br

O objetivo de tal comparação é identificar os pontos comuns entre elas, o papel que desempenham no plano do desenvolvimento local, e verificar em que medida elas podem ser complementares, quando pensado um projeto de política de desenvolvimento local e nacional. O estudo da complementaridade das incubadoras é importante, porque nos permitirá avaliar suas respectivas contribuições para o desenvolvimento econômico do país. A Incamp, ao viabilizar iniciativas de tecnologia de ponta, visa colocar o Brasil em patamares competitivos em desenvolvimento de tecnologia; já a ITCP, ao viabilizar iniciativas populares, promove a redução de desemprego, o resgate da cidadania e o desenvolvimento de tecnologias alternativas.

Surgimento das Incubadoras

Há cerca de 50 anos, surgiram na região do Vale do Silício e da Rota 128, nos Estados Unidos da América, os primeiros arranjos institucionais semelhantes aos que hoje se consideram “incubadoras de empresas”. Contudo, foi só a partir dos anos 70 que esse tipo de empreendimento tomou o seu formato atual. Hodiernamente, além dos Estados Unidos, França e Grã-Bretanha, a Alemanha e o Japão fomentam as incubadoras como forma de promover um maior dinamismo econômico e tecnológico.

No Brasil, o movimento das incubadoras de empresas começou no início da década de 1980, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a adesão de agências como a Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP e a Organização dos Estados Americanos – OEA, no plano supranacional. Estudos apoiados por essas agências levaram à constituição, em 1987, da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologia Avançada – ANPROTEC, cujo objetivo tem sido a articulação com organismos governamentais e não-governamentais, visando ao desenvolvimento de Incubadoras e Parques Tecnológicos no País.

O surgimento desse arranjo no Brasil esteve ligado à existência de um vácuo institucional que promovesse a relação entre o ambiente acadêmico e o setor empresarial. Os principais agentes de vinculação (a partir dos anos 50), os institutos de pesquisa, já davam claros sinais de dificuldades no início dos anos 80.

Esta nova proposta põe a universidade, no lugar dos Institutos de Pesquisa, na posição de agente indutor desse processo, enfatizando a necessidade da criação de instâncias formais, distintas em escala e funcionamento das propostas vinculacionistas, favoráveis à inovação e à interação entre as universidades e o setor produtivo. Dessa forma, foram criados mecanismos como os pólos e parques tecnológicos, as incubadoras de empresas e os escritórios de transferência de tecnologia e registro de patentes. Em muitos casos, a iniciativa quanto ao financiamento inicial desses empreendimentos fica a cargo da instituição de ensino.

Dessa forma, a universidade deveria deixar de atuar como provedor gratuito de conhecimento para passar a ser um ator do processo de privatização do conhecimento, através da cobrança de direitos pelos resultados das pesquisas por ela realizadas ou apoiadas. Na verdade a proposta tem sido de que as universidades de pesquisa brasileiras devam adotar uma “postura empreendedora” (TERRA, 2001), procurar estreitar os vínculos com o setor privado, a fim de poder se legitimar na sociedade, assim como financiar suas atividades, não mais custeadas integralmente pelo setor público. Verifica-se então que as iniciativas neovinculacionistas, principalmente os Parques Tecnológicos e as Incubadoras de Empresas, ganham lugar de destaque nas principais políticas públicas de Ciência, Tecnologia e Educação.

No mesmo período, observa-se um outro movimento que tem como agentes a população e as universidades, que criaram arranjos institucionais que deram origem às Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP), que estiveram muito ligados a fatores sócioeconômicos e políticos desse período.

O projeto das ITCPs foi inspirado pelo movimento em prol da cidadania contra a fome e a miséria, liderado por Betinho⁵ (1992), que lançou uma semente no pensamento solidário. A consciência de que a ação de distribuir alimentos teria que ser ampliada com iniciativas, visando gerar trabalho e renda, fez com que professores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em parceria com a Universidade de Santa Maria,² no Rio Grande do Sul, criassem uma cooperativa popular, formada por moradores da região da Maré – RJ,³ que pudesse prestar serviços para a própria Fiocruz, surgindo, dessa forma, a Cooperativa de Manguinhos. A experiência bem-sucedida de Manguinhos fez com que professores e alunos da Engenharia da UFRJ (Coppe – Coordenação de Programas de Pós-graduação da Engenharia) decidissem criar, em 1995, a primeira iniciativa de uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, cujo objetivo inicial foi estabelecer um contato com comunidades das favelas interessadas na formação de cooperativas de trabalho.

O surgimento desse arranjo está muito ligado ao aumento da exclusão social no País e se configura numa tentativa “de utilizar os recursos humanos e conhecimento da universidade na formação, qualificação e assessoria de trabalhadores para a construção de atividades autogestionárias, visando a sua inclusão no mercado de trabalho” (GUIMARÃES, 2000).

Diante das demandas acima citadas, as universidades passam a atuar de maneira mais ativa, concretizando atividades de extensão na comunidade local, visando ao desenvolvimento local e nacional, através das incubadoras de empresas, voltadas

para um público que demanda o uso de tecnologia de ponta, e das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, voltadas para o público demandante de formas alternativas do uso de tecnologias.

1 Estudo de Caso

2.1 Apresentação das Incubadoras

ITCP/UNICAMP

A ITCP Unicamp, fundada em 9 de setembro de 2001, é um programa de extensão e pesquisa vinculado à Pro-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Estadual de Campinas. A ITCP Unicamp faz parte da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, junto com outras 15 incubadoras universitárias brasileiras.

A atuação da ITCP Unicamp faz-se diretamente junto às cooperativas e grupos atendidos, em seus locais de trabalho, e envolve ações de extensão e de pesquisa nas áreas de trabalho e geração de renda, educação popular de jovens-e-adultos, autogestão, adequação sócio-técnica & tecnologias apropriadas, saúde & meio ambiente, bem como ações experimentais de ação coletiva nas mais diversas áreas do conhecimento”.

A **missão** da ITCP UNICAMP é contribuir para o desenvolvimento da economia solidária no Brasil, ajudando a combater o desemprego e a precarização do trabalho, e auxiliando a ampliação do exercício da cidadania através da participação popular⁶.

A estrutura organizacional da ITCP Unicamp é voltada para a práxis da extensão universitária, isto é, para promover a interação direta entre universidade e comunidade, através da troca de saberes, na medida em que sistematiza e (re)elabora o conhecimento tanto acadêmico quanto popular e concretiza a troca mútua de conhecimentos e experiências diferenciadas entre cooperados e alunos no trabalho conjunto para a construção das cooperativas. Assim, todo projeto de incubação visa: (i) acompanhar e assessorar a formação de cooperativas populares autogestionárias e outras iniciativas de economia solidária, disponibilizando aos grupos atendidos o conhecimento técnico e científico produzido pela Unicamp e ajudando na consolidação das iniciativas; (ii) permitir aos professores e estudantes vinculados ao programa um campo permanente de observação e aprendizado em relação à sociedade e suas demandas sociais mais urgentes.

INCAMP/UNICAMP

A Incubadora de Empresas de Base Tecnológica – Incamp da UNICAMP, criada em 2001, tem como objetivo a implantação de uma estrutura propícia ao surgimento de novas empresas de base tecnológica, para produzir desenvolvimento econômico, fluxo contínuo de inovações, geração de riqueza e novos empregos e a valorização da cultura empreendedora.

A Incamp tem como missão capacitar gerencial e tecnologicamente as micro e pequenas empresas de base tecnológica estimulando a interação Universidade-Empresa e buscando promover a geração de emprego e renda na região.

A estrutura organizacional da Incamp é voltada para o gerenciamento do projeto, pois, como o projeto é desenvolvido tecnicamente pelo(s) pesquisador (es), encontram o suporte adequado nos institutos, faculdades ou instituições semelhantes. Assim, o papel da Incamp é de conseguir os meios para que os pesquisadores adquiram o conhecimento necessário de gestão de negócios, e de finalizar o projeto em andamento. Tal papel é crucial para a concretização dos projetos, pois o papel institucional da Incamp associado às exigências das instituições financiadoras garante o constante aperfeiçoamento dos pesquisadores e, conseqüentemente, a sustentabilidade do negócio.

A incubadora oferece alguns serviços e recursos para os empreendimentos incubados como: orientação empresarial, assessoria em marketing, assessoria em recursos humanos, assessoria em planejamento, assessoria em contabilidade e finanças e assessoria em propriedade intelectual; além de serviços de secretaria, apoio para cooperação com universidades, centros de pesquisa e instituições de fomento, laboratórios de uso compartilhado, espaço para reunião, treinamento e *show-room*.

2.2 Análise Comparativa

A partir do levantamento de informações relativas ao perfil das incubadoras, vimos a necessidade de delimitar variáveis que pudessem fornecer dados que permitissem comparar o papel social e econômico da Incamp e da ITCP Unicamp. Assim sendo, consideramos as variáveis: geração de emprego, perfil dos novos empreendedores, critérios de seleção, tecnologia e tipo de gestão adotada, metodologia de incubação, fontes de financiamento.

Geração de Emprego

A ITCP/Unicamp, conforme o quadro abaixo, incuba 11 cooperativas nos diferentes ramos de produção de bens e serviços, de produção em Campinas, algumas delas já em funcionamento e outras em vias de, o que representa 319 postos de trabalho diretos.

Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares			
Cooperativas Incubadas			
Nome da Cooperativa	Ramo de atuação	Produto	Pessoas envolvidas
Barão	serviço	Segregação de resíduos sólidos	25
AR 08	serviço	Segregação de resíduos sólidos	36
AR12	serviço	Segregação de resíduos sólidos	22
Aparecidinha	serviço	Segregação de resíduos sólidos	27
Tatuapé	reciclagem	Reciclagem de entulho de construção	45
Cooperpet	reciclagem	Reciclagem de pet (granulação)	30
Grandevi	reciclagem	Reciclagem artesanal de papel e confecção de objetos com esta matéria- prima	35
Coopermimo	confecção	Artesanato utilizando retalho como matéria- prima	27
Coopercegos	alimentício	Confecção de pão de mel	26
Cooperuni	serviço	Prestação de serviço – limpeza	20
Mulheres	artesanato	Artesanato em palha	26
TOTAL			319

Fonte: elaboração própria

Já a Incamp/Unicamp, conforme o quadro abaixo, incuba 9 iniciativas, gerando 33 postos de trabalho diretos.

Incubadora de Empresas de Base Tecnológica			
Empresas Incubadas			
Nome da empresa	Ramo de atuação	Produto	Pessoas envolvidas
Bioware	Energia Alternativa	bagaço de cana em bio-óleo combustível	03
Eletrovento	Energia Alternativa	gerador eólico de pequeno porte para uma aplicação de tecnologia no meio rural	05
Green Technologies	Agroindústria	tecnologia para a produção de alimentos de conveniência com alto valor agregado	02
Tech Chrom	instrumentação analítica	Empresa voltada à industrialização de instrumentação analítica	04
Vacuoflex	Energia	materiais isolantes térmicos baseados em suas qualidades refletivas	03
Griaule	Tecnologia da Informação	desenvolvimento de aparelhos digitais de identificação através de impressões digitais e dados biométricos	04
IgnisCom	Tecnologia da Informação	desenvolvimento de produtos, serviços e soluções em telecomunicações, educação, tecnologia da informação e <i>web design</i>	05
Inovace	Tecnologia da Informação	desenvolvimento, consultoria e treinamento na área de engenharia de software	03
TCP	Tecnologia da Informação	treinamento, consultoria e projetos em telecomunicações.	04
TOTAL			33

Fonte: Elaboração própria

Dos quadros acima, podem se destacar algumas disparidades: os empreendimentos incubados pela ITCP Unicamp são intensivos em mão-de-obra, seus produtos/serviços agregam maior valor social, enquanto os da Incamp são intensivos em tecnologia, e seus produtos agregam alto valor econômico. Tais resultados encontram fundamento na tecnologia empregada.

Perfil dos empreendedores

O público-alvo da ITCP Unicamp é constituído pelo grupo populacional localizado na base da pirâmide social, os quais se encontram desempregados ou atuando no mercado informal de trabalho, e cujo grau de instrução formal varia de não-alfabetizado a primeiro grau completo, o que os coloca no grupo de desempregados com mão-de-obra desqualificada. Já o público alvo da Incamp faz parte dos 5% da elite intelectual brasileira, são provenientes do mesmo centro acadêmico, possuem alto grau de qualificação. Os projetos apresentados na sua maioria são resultados de pesquisas de mestrado ou doutorado da Unicamp. Essas configurações de público alvo são genéricas para os dois tipos de incubadoras em todo o Brasil.

Essa pequena massa populacional, assim como o grande grupo de desfavorecidos, acima descritos, demandam das universidades a assessoria pertinente para a concretização das suas iniciativas que, diga-se de passagem, também promovem o desenvolvimento local e nacional. Tais demandas são atendidas pelas universidades e outros centros de pesquisa, através das suas respectivas incubadoras.

Critérios de seleção

Os critérios de seleção adotados pelas incubadoras são diferentes. A ITCP Unicamp quando seleciona as cooperativas⁴ que vai incubar, prioriza aqueles grupos que possuem coesão interna, conhecimento em cooperativismo, que optam por gerirem seus empreendimentos segundo os princípios da autogestão e pertençam às camadas excluídas da sociedade. A Incamp seleciona projetos, via edital, nos quais é analisado, fundamentalmente, o plano de negócio do empreendimento, buscando priorizar empreendimentos inovadores de bases tecnológica, que estimulem o desenvolvimento econômico e a competitividade do país.

Metodologia

ITCP/UNICAMP

Etapas

A metodologia utilizada pela ITCP Unicamp resultou de um longo processo de discussão interna, que levou em consideração outras experiências realizadas, por outras ITCPs e pela Associação Nacional de Trabalhadores em Empresas de Autogestão - ANTEAG), além das experiências realizadas pela própria ITCP Unicamp ao longo de 2002.

Segundo ITCP⁵ (2002), o processo de assessoramento e acompanhamento das cooperativas ocorre em três fases distintas: a Pré-incubação (3 meses), a incubação propriamente dita (18 meses) e a desincubação (3 meses).

Na pré-incubação, as Equipes de Incubação⁶ vão elaborar um diagnóstico da situação dos grupos ou cooperativas, bem como estabelecer vínculos que permitem aos cooperados compreender a forma de funcionamento da ITCP e as características da Equipe que atuará junto a eles. Este mútuo reconhecimento – Equipe e Cooperativa – tem como resultado a elaboração de um Plano de Incubação que estabelece: 1. objetivos e atividades no longo prazo (a serem cumpridos até o final da incubação); 2. objetivos e atividades no curto prazo (a serem cumpridos nos próximos seis meses) 3. responsabilidades da Equipe e da Cooperativa e 4. formas de avaliação permanente do desenvolvimento do plano. Paralelamente, a Equipe atua assessorando a estruturação da cooperativa, nas três esferas (gestão, produto e processo).

A etapa de incubação inicia-se a partir do plano de incubação – aprovado conjuntamente pela Equipe e pela Cooperativa. Nessa etapa, são estabelecidas rotinas de assessorias conjuntas com o coletivo da cooperativa e com toda a equipe e assessoria pontual das áreas contempladas pela ITCP/UNICAMP (planejamento econômico⁷, produção & tecnologia⁸, processos pedagógicos⁹, dinâmica das relações humanas¹⁰ e saúde & meio ambiente¹¹). As reuniões tanto da equipe com a cooperativa, como da assessoria com a cooperativa ocorrem no mínimo a cada 15 dias. Assim, pelo menos duas vezes por semana, os assessores das diversas áreas estão na cooperativa construindo com os cooperados a sustentabilidade de seus empreendimentos.

Como mencionado acima e ao final de cada etapa, a Equipe e a Cooperativa devem elaborar um relatório parcial, com o registro das atividades, dos resultados alcançados e com uma avaliação do desempenho do conjunto (Equipe & Cooperativa). Então, o plano de incubação deverá ser revisto (refeito), em todos os seus aspectos, à luz dos resultados alcançados na etapa concluída.

Além da avaliação realizada, a cada três meses entre a equipe e a cooperativa, há o acompanhamento geral do andamento do projeto, que é realizado por uma Comissão de Acompanhamento e Avaliação, tripartite, formada por 3 (três) representantes indicados por cada um dos atores envolvidos: contratante, ITCP e Cooperativas, e que deverá se reunir mensalmente, para avaliar o andamento do projeto.

Na fase de desincubação, a ITCP irá se desligando gradativamente da cooperativa.

Na ITCP, a questão tecnológica tangencia todas as áreas, pois o conceito de tecnologia é expandido, abarcando a troca de saberes, além de buscar desenvolver e implantar tecnologias que visem à adequação sócio-técnica,¹² através de trabalho multidisciplinar.

A inovação está presente no desenvolvimento metodológico do processo de incubação e de todas as ferramentas utilizadas nele. Seja na decodificação de conceitos teóricos para a linguagem coloquial (elaboração de cartilhas), no método pedagógico (educação popular de jovem e adulto), ou mesmo na tecnologia sugerida às cooperativas que visa à adequação sócio técnica.

INCAMP

A metodologia utilizada pela INCAMP é composta de três estágios. O primeiro contempla a escolha dos melhores projetos de negócios apresentados no edital e que, em seguida, serão transformados em um plano de negócios visando ao amadurecimento de tais projetos. Em um segundo estágio, os projetos bem formatados, na fase anterior, são transformados em empresas formais e se instalam no ambiente de incubação, propriamente dito, passando a contar com o suporte e o acompanhamento necessários por parte da incubadora para desenvolver seu negócio. E, finalmente, a pós-incubação é a fase em que a empresa já é graduada, ou seja, tem plena capacidade de operar o negócio sem o apoio da incubadora. Entretanto a Incamp, após a graduação das empresas, tem como objetivo direcioná-las para o projeto do parque tecnológico, ainda em fase de implantação.

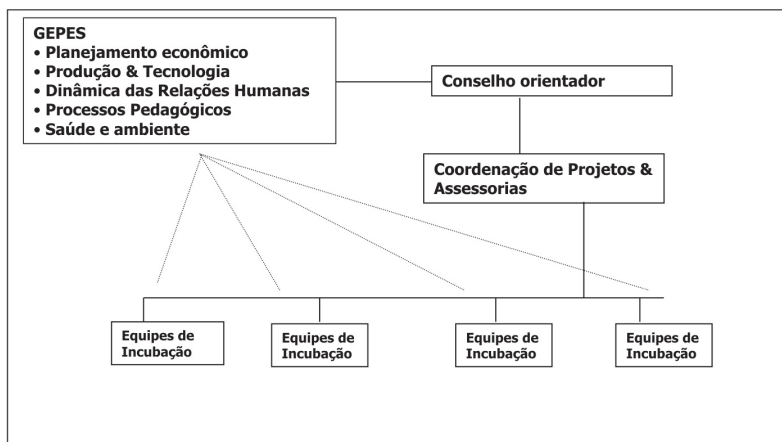
1.1 Gestão

A ITCP/Unicamp adota princípios da autogestão difundidos nas cooperativas, tentando assim vivenciar de maneira democrática a gestão da incubadora. Existem dois níveis hierárquicos, o coletivo dos monitores, responsável pela execução dos projetos, e o conselho orientador, formado por docentes da Unicamp, de várias faculdades e institutos, que coordenam os GEPES e compõem a instância macro da incubadora.

Analisando o organograma da ITCP/UNICAMP, é possível visualizar a interação entre as ações acadêmicas e as ações de extensão e como estas duas esferas se retroalimentam.

Como foi mencionado anteriormente, cada equipe possui um monitor de produção e tecnologia, processos pedagógicos, dinâmica das relações humanas, saúde e meio ambiente e planejamento econômico. Todos os monitores de cada área se reúnem com o docente responsável por esta área, com o objetivo de resolver problemas pontuais das cooperativas e desenvolver pesquisas acadêmicas, como também debater teoricamente assuntos de interesse da área. Cada área de conhecimento tem o seu GEPES (Grupos de Estudos e Pesquisas em Economia Solidária). Neste momento, está ocorrendo uma etapa inovadora, que é a retroalimentação entre a teoria e a prática, possibilitando uma experiência singular, pois a resposta dada entre os problemas apresentados na prática e a solução acadêmica é muito mais rápida que usualmente.

Organograma da ITCP/UNICAMP



Fonte: ITCP/Unicamp

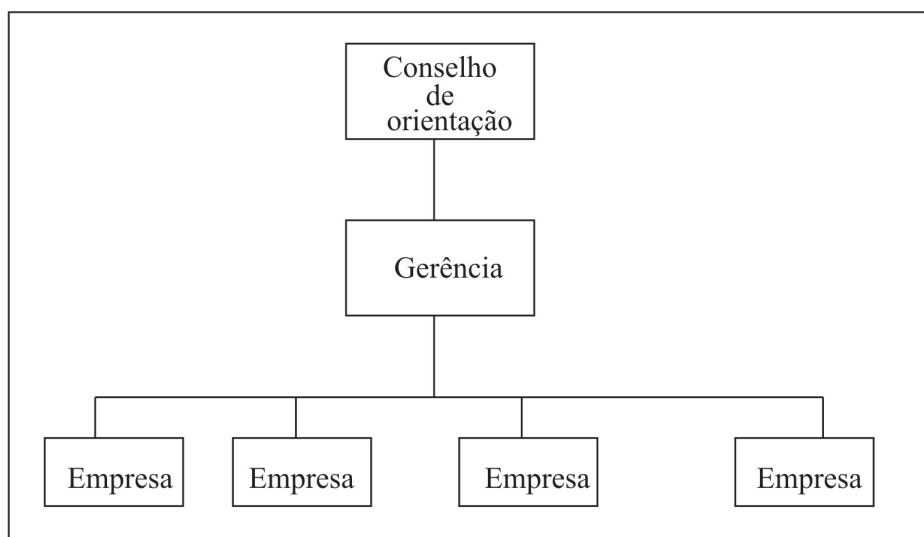
INCAMP

A gestão da Incamp está baseada no modelo das incubadoras de empresas que é relativamente homogêneo¹³. Em geral, a estrutura de poder de decisão sobre os recursos comuns centraliza-se no gerente da incubadora e é função deste fazer o levantamento das necessidades de assessoria de gestão e mercado dos empreendimentos incubados. Tal levantamento contempla orientação empresarial; assessoria em marketing, assessoria em recursos humanos, assessoria em planejamento e assessoria em propriedade intelectual, os quais são atendidos com a contratação de consultores de cada área citada acima e financiados com recursos da incubadora. A liberação de tais recursos é aprovada pelo gerente da incubadora.

Em contrapartida, os empreendedores, donos dos projetos, contribuem, mensalmente, com R\$250,00 (duzentos e cinquenta reais), para custear os insumos utilizados coletivamente. A contratação do contador é de responsabilidade do empreendedor.

A Incamp, como todas as incubadoras de empresas, está apoiada em quatro pilares: planejamento, processo operacional, indicadores e avaliação¹⁴ que, por sua vez, fazem parte das exigências e critérios de avaliação das instituições financiadoras dos projetos encaminhados.

Organograma da INCAMP



Fonte: Incamp

Fontes de Financiamento

A pesquisa de campo apontou uma disparidade entre o número de linhas de financiamento para os dois tipos de incubadoras. Os órgãos financiadores da ITCP Unicamp são, fundamentalmente, instituições que em seus programas contemplam o desenvolvimento socioeconômica local, o qual tem como objeto final a população socialmente desfavorecida, podendo ser constituída por desempregados e/ou trabalhadores informais. Dentre essas instituições, temos a FAPESP, através do seu programa de Políticas Públicas voltadas para a geração de emprego e renda; os bancos comerciais que contemplam nos seus programas de ação-social projetos de extensão entre universidades e governos locais, cujo objetivo é o de gerar emprego e renda (Banco do Brasil, BNDES). Um outro agente financiador dos projetos da ITCP Unicamp é o parceiro de cada projeto, pois, nas experiências até agora obtidas, foram as Prefeituras Municipais, parceiras dos convênios, que financiaram grande parte dos custos operacionais dos projetos, cabendo à Unicamp o financiamento do custo restante.

Já no caso da Incamp, dada a natureza do seu papel, as instituições financiadoras concentram suas exigências de resultados na produção de pesquisa especializada, priorizando assim o financiamento de projetos desenvolvidos em instituições de ensino superior. Vale salientar que tais exigências atendem as diretrizes traçadas pelos Ministérios de Ciência e Tecnologia, e da Educação que, por sua vez, fazem parte das políticas nacionais de desenvolvimento que visam aumentar a competitividade brasileira. Dentre essas instituições podemos citar: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; Fundação de Estudos e Projetos – FINEP; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Pessoal – CAPES; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE e Banco do Povo: criado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico

3 Conclusão

Apesar de ambas as incubadoras terem como objetivo promover o desenvolvimento da economia brasileira, os seus públicos são polares, o que faz com que o tipo de conhecimento transferido também seja diferenciado. Não obstante, ambas encontram um ponto em comum no que tange ao suporte na gestão do empreendimento, e isso se deve à falta de conhecimento prévio do seu público sobre a gestão de negócios. Nesse sentido, as incubadoras oferecem um suporte fundamental para que posteriormente, na fase da “graduação”, esses empreendimentos possam ser sustentáveis.

A ITCP Unicamp, no entanto, além de fornecer o suporte na gestão do negócio, transfere o conhecimento de técnicas de gestão e de produção a partir da decodificação da linguagem tecnicista e acadêmica comumente usadas nos centros de ensino formal para uma linguagem mais acessível. Vale salientar, ainda, que a transferência dessa tecnologia, na ITCP Unicamp, é concretizada através da troca de experiências e conhecimentos entre os monitores e os cooperados, enquanto a Incamp gerencia os mecanismos necessários para possibilitar, via Unicamp ou outros centros de pesquisa, o acesso às tecnologias desenvolvidas e garante o suporte e assessoria de gestão de negócios, por via da contratação de consultores.

A natureza dos objetivos concretos das incubadoras estudadas somada aos resultados obtidos das variáveis escolhidas permitiu-nos identificar mais diferenças do que semelhanças, entretanto, ambas as iniciativas convergem para um objetivo comum, quando pensada uma política de desenvolvimento econômico maior, pois, observadas as características abaixo levantadas:

- os empreendimentos incubados pela ITCP geram em média 22 postos de trabalho, enquanto os da Incamp geram em média 3 postos de trabalho;
- a produção de bens e serviços dos empreendimentos incubados pela ITCP é intensiva em mão-de-obra, enquanto a da Incamp é intensiva em tecnologia, o que faz que a disparidade na geração de renda e na acumulação de capital dos empreendimentos incubados por ambas incubadoras seja oposta, cabendo aos empreendimentos da Incamp a maior geração e concentração de renda.
- enquanto a gestão e a tecnologia nas cooperativas da ITCP são compartilhadas entre seus sócio-trabalhadores e desenvolvidas junto aos monitores, as das empresas da Incamp apropriam-se dos conhecimentos de gestão e da tecnologia individualmente e adquirem esses conhecimentos através do suporte externo, via contratação de consultores de negócios e instituições de pesquisa;
- enquanto o público alvo da ITCP é constituído por desempregados e/ou trabalhadores informais, que na sua grande maioria possuem um baixo nível de escolarização, o da Incamp é constituído por profissionais de pós-graduação geralmente oriundos da Unicamp;
- enquanto as estruturas institucional e metodológica da ITCP promovem o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para combater o desemprego, as da Incamp promovem o desenvolvimento de pesquisa em tecnologia de ponta, o que acaba reproduzindo a atual estrutura do mercado de trabalho, que cada vez mais tende a excluir profissionais de baixa qualificação e a aumentar as exigências da empregabilidade;
- enquanto a ITCP promove o uso de tecnologias mais adequadas para as cooperativas, a Incamp promove o desenvolvimento e uso de tecnologias convencionais (de ponta). Em ambos os casos a prerrogativa é o desenvolvimento de inovações nos processos de produção ou no produto ou bem final produzido pelos empreendimentos;

Podemos apontar algumas considerações:

O papel de ambos os tipos de incubadoras é crucial para a concretização de uma política nacional de desenvolvimento econômico, já que entendemos que tal desenvolvimento não só vai além do crescimento econômico, como também deve abranger o cuidado com o equilíbrio sócioeconômico através da distribuição de renda entre todas as camadas sociais. Assim, constatamos que a iniciativa da Incamp atende às demandas do Ministério da Ciência e Tecnologia, que visa à formulação e implementação da política nacional de ciência e tecnologia, tornando competitivo o setor industrial no mercado global, enquanto a iniciativa da ITCP Unicamp atende às demandas de órgãos governamentais locais, que visam à implementação de políticas públicas de geração de emprego e renda.

No que diz respeito ao papel de extensão da universidade, a ITCP Unicamp, dada a sua estrutura institucional e metodológica, consegue envolver os alunos de graduação e pós-graduação da universidade de forma direta na problemática do desemprego, que hoje constitui uma das pautas principais de preocupação no mundo; já a Incamp promove a geração e sustentabilidade de empreendimentos que permitam gerar uma base industrial tecnológica sólida capaz de multiplicar o efeito competitivo da indústria brasileira estimulando pesquisas voltadas para setores intensivos em tecnologia.

4 Referências

- ANTEAG. *Autogestão: construindo uma nova cultura nas relações de trabalho*. São Paulo, 2000.
- CORAGGIO, J. El trabajo desde la perspectiva de la economía popular. In: *Economía popular: una nueva perspectiva para el desarrollo local*. Programa de Desarrollo Local, Catillas. San Miguel (Argentina): Instituto Conurbano-UNGS, 1998. Disponível em: <<http://www.fronesis.org/public2.htm>>.
- CRUZ, A. Uma contribuição crítica às políticas públicas de apoio à economia solidária. Campinas, 2002. Disponível em: <www.ecosol.org.br>. Acesso em: 10 abr. 2002.
- DAGNINO, R. *Subsídios para a avaliação da estratégia de inclusão social da Prefeitura Municipal de São Paulo*. Campinas, SP, 2002. Mimeografado.
- DORNELAS, J. C. A. *Planejando incubadoras de empresas: como desenvolver um plano de negócios para incubadoras*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- GUIMARÃES, G. et al. *Sindicalismo e cooperativismo: a economia solidária em debate*. São Paulo: Unitrabalho, 2000.
- INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES. *Projeto de incubação de cooperativas da Prefeitura Municipal de Campinas*. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.
- MAJOR, M. C. T. C. A transferência de tecnologia em cooperativas: estudo de casos de incubadoras no estado do Rio de Janeiro: COPPE-UFRJ e CEFET-CAMPOS. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração Pública)-Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2001.
- SINGER, P.; SOUZA, A. R. et al (Org.). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.

Notas

- ¹ Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP
Incubadora de Empresas de Base Tecnológica – INCAMP
- ² A universidade de Santa Maria possui um curso de cooperativismo e por isso foi chamada para apoiar na criação dessa cooperativa.
- ³ Os professores da Fiocruz realizaram um estudo e verificaram que 80% dos chefes de família da região estavam desempregados, sendo essa uma possível causa da grande violência.
- ⁴ Toda Cooperativa por lei tem que ter no mínimo 20 cooperados.
- ⁵ As informações sobre a metodologia da ITCP/unicamp foi retirada do projeto de incubação realizado em parceria com a prefeitura Municipal de Campinas/SP.
- ⁶ Equipe de incubação da ITCP são formadas, cada uma, por 5 (cinco) alunos de graduação ou pós-graduação, que serão os responsáveis, em conjunto, pelo trabalho de assessoria e de formação, com responsabilidades compartilhadas e ênfase em suas respectivas áreas de conhecimento
- ⁷ **Planejamento econômico** – é responsável pela elaboração e execução do plano de negócios (perspectiva de faturamento, financiamento e investimentos), estudos de viabilidade, formação de preços, prospecção de mercados, organização da contabilidade, marketing etc.
- ⁸ **Produção & tecnologia** é responsável pela organização do processo produtivo a partir dos princípios da incubação, identificação e pesquisa de insumos e de maquinário adequados, motivação para a inovação de produtos e processos, pesquisa em tecnologias apropriadas e socialmente adequadas, organização das rotinas de decisão na produção etc.
- ⁹ **Processos Pedagógicos** é responsável pela assessoria aos processos de formação (oficinas e cursos), motivação para a alfabetização e para a escolarização formal, busca de acessibilidade à informática pelos cooperados, construção de processos internos de educação cooperativa etc

¹⁰ **Dinâmica das Relações Humanas** é responsável pela regularização jurídica e dos registros internos da Cooperativa, tudo que diga respeito à relações e comunicações internas: formas e rotinas de decisão, construção de laços de solidariedade, resolução de conflitos, dinâmicas interpessoais etc.

¹¹ Saúde e Meio ambiente - Prevenção às doenças e acidentes do trabalho e formação integral para proteção da saúde (higiene, alimentação, comportamento saudável, prática do lazer etc.).

¹² “Adequação sócio-técnica- é um processo que busca promover uma adequação do conhecimento científico e tecnológico, esteja ele já incorporado em equipamentos, insumos e formas de organização da produção, ou ainda sob a forma intangível e mesmo tácita, não apenas aos requisitos e finalidades de caráter técnico, mas como ao conjunto de aspectos de natureza sócio-econômica e ambiental que constituem a relação ciência, tecnologia e sociedade. Tem o objetivo de adequar a tecnologia convencional adotando critérios suplementares aos técnico-econômicos usuais e aplicando-os a processos de produção e circulação de mercadorias em redes de economia solidária”. Dagnino (2002)

¹³ Ao analisar o modelo de gestão de grande da parte das incubadoras através das diversas referências bibliográficas e das pesquisas realizadas pela Anprotec, percebe-se que existe essa relativa homogeneidade. Logicamente, algumas incubadoras possuem um modelo mais formatado e rebuscado.

¹⁴ Sobre esse tema, consultar Dornelas (2002).

Recebido em: 5.4.2006

Aprovado em: 6.7.2006